

Nota de Abertura

Deus e a Ciência (*)

FREDERICO PEREIRA

O homem contemporâneo é, dir-se-ia quase por natureza, um ser inquieto. As suas inquietações dizem respeito a todas as esferas possíveis, da esfera ecológica à esfera da simples mudança social — mas, no campo que nos ocupa, dizem respeito concretamente à natureza do seu próprio conhecimento.

Procura-se muitas vezes, indagar se tal ou tal forma de saber é «científica» ou não — assistindo-se, após um empolamento excessivo de funcionamentos elementares da consciência, a uma desvalorização abusiva do próprio termo «ideologia». Por outro lado, verifica-se também que, cada vez mais os factores sociais se apropriam a seu modo, de temas científicos, procurando valorizar as suas opções através da relação que tentam estabelecer entre estas e a própria actividade da ciência. Mais do que isso, são, muitas vezes, os próprios cientistas que vêm caucionar estratégias políticas, criando condições para o aprofundamento de uma nova amálgama científico-ideológica.

Tudo isto é, sem dúvida, inquietante.

Mas estas inquietações quanto à Ciência e à Verdade, se derivam fundamentalmente de amplas causas sociais, de questões e debates internos ao próprio conhecimento, cuja complexidade aumenta regularmente — derivam também, provavelmente, de um outro fenómeno, à primeira vista totalmente diverso: a dessacralização essencial da nossa sociedade. Dir-se-ia, explicitando, que se o homem actual é vítima de múltiplas inquietações e incertezas — e desde logo relativas ao seu próprio Saber — é também porque é um ser radicalmente ateu.

(*) Trabalho que resume uma intervenção no colóquio sobre «Dialéctica e Conhecimento Científico», realizado no I. S. P. A. com a participação de Eduardo Chitas (Faculdade de Letras), Jorge Correia Jesuino (I. S. C. T. E.), Albino Lopes (I. S. P. A., I. N. E.) e Luís Reto (I. S. P. A., I. N. E.).

Uma comparação com a idade clássica, e um breve e esquemático «excursus» histórico a partir daí, permitem tornar este ponto de vista um pouco mais claro.

Descartes, Leibniz, Lineu, ao contrário do que hoje acontece, não se preocupavam com a cientificidade dos seus conhecimentos — pois, no fundo, todos eles estimavam como refere G. Lanteri-Laura⁽¹⁾, que as ciências que se tinham desenvolvido detinham a sua verdade do facto de nada mais fazerem do que reproduzir com exactidão os pensamentos de Deus. Como diz ainda o referido autor, «a refração da luz, a lei da gravitação universal, etc., retiram a sua verdade do facto de se identificarem perfeitamente com a maneira como Deus imaginou para sempre a ordem própria das ideias e dos fenómenos; os homens de ciência, por vários processos que se resumem no método, surpreendem as confidências que Deus faz a si próprio a respeito das relações das essências da organização do mundo».

O que poderia pôr, evidentemente, o problema da transparência de semelhantes confidências ao pensamento humano. Poderia pôr — se Deus não fosse, além de Criador, um Ser supremo em Bondade. Mas sendo-o, não lhe agrada nem uma dissimulação sistemática, nem uma constante duplicidade. Ele não guarda em si nada do Mau Génio, enganador e malicioso, que empregaria todos os seus esforços em ludibriar o Homem na sua busca de Verdade. (Ver Descartes: Méditations, 1.)

Sendo assim, neste belo mundo em que tudo se ajusta, os pensamentos divinos são acessíveis à reflexão humana, e, uma vez que com bom método, os homens poderão desvendar os Seus segredos, as Verdades assim encontradas impõem-se como Verdades Eternas.

Vê-se, portanto, que o critério clássico de Ciência, que o que para o homem crente em Deus funciona como garantia do seu conhecimento, não é tanto a adequação ao Real, ou a coerência, mas sobretudo o facto de esse conhecimento ser reflexo do Divino Saber.

Ora, em tal contexto, basta deslocar a figura do Ser Supremo, para que se torne necessário ir buscar garantias de Verdade e Ciência a outro lado.

É Pascal quem, em grande parte, inaugura tal deslocamento. Mantém-se Deus, sem dúvida, mas na qualidade de «Deus de Abraão, Deus de Isaac, Deus de Jacob, e não Deus dos filósofos e dos sábios (Pascal: Opúsculos). Deus, agora, é Ser sensível ao coração, mas não sensível à razão: “Conhecemos a verdade não só pela razão, mas também pelo coração: é desta última maneira que conhecemos os primeiros princípios, e é em vão que o raciocínio... os procura combater”» (Pascal: Pensées).

Mas se é assim, se o nobre conhecimento se viu despojado daquilo que o garantia; se Deus, afinal, traiu os sábios e se virou para os místicos, se, em suma, se afastou da Razão e se entregou enfim à eterna ilógica da sensibilidade e da intuição — se assim é, que poderá então, nestes novos tempos, confirmar o sábio, dar-lhe a certeza de que os seus pensamentos são da

⁽¹⁾ G. Lanteri-Laura: «Lecture des Perversions», Paris, Masson.

ordem da Verdade, e sobretudo, da ordem da Verdade Absoluta? — Terrível dúvida!

A terrível dúvida é porém ultrapassada, de quatro maneiras possíveis: 1.º — A Razão constitui-se como o seu próprio fundamento (solução kantiana, por exemplo) ⁽²⁾; 2.º — A terrível dúvida afirma-se como a essência de todo o pensar e de todo o existir (solução kierkegaardiana); 3.º — O conhecimento não reflecte confidências divinas, decerto, mas é reflexo do próprio Real (solução empirista). — Soluções de Filósofos. — Solução de sábios: nada garante o conhecimento, a não ser a sua aplicação ao Real. O sábio, traído por Deus, volta-se para a realidade, para a aplicação do Saber — viragem possível graças ao desenvolvimento das forças produtivas que a acompanha, às inovações tecnológicas e também à mutação da própria imagem, pública e privada, do homem de ciência.

E é assim que a prova da verdade passa do terreno ontológico para o terreno prático: «é verdade porque funciona, e funciona porque o seu exercício sobre o real nele produz transformações perfeitamente determinadas e não menos esperadas».

Vê-se, portanto, que nestas coisas de garantia de cientificidade (como noutras, talvez) a Indústria toma o lugar de Deus — mudando, evidentemente, a divina figura de perfil. Não já o Deus de Miguel Ângelo nem o de Pascal, mas uma imagem dissociada ⁽³⁾: um Deus desligado da praxis, por um lado, entidade cada vez mais abstracta (o Deus da religião) e uma nova divindade industrial, cheirando a óleo, carvão e suor, que se afirma como pura existência de transformação/produção.

Tais alterações repercutem-se, como é de esperar, no campo do Método. A regra de ouro não é já só a de bem pensar e de maneira ordenada, é também a de agir sobre o mundo externo, começando por bem o observar para a seguir nele introduzir variações sistemáticas. À ordem da boa especulação sucede-se a ordem da boa observação e da boa experimentação.

O que tem consequências a nível das representações colectivas do saber científico: a rainha das ciências mantém-se decerto a Matemática, mas o seu alter-ego, o seu emissário representativo, será sobretudo a Física e a Experimentação. O Conhecimento científico entra assim nas imagens públicas e na linguagem comum como conhecimento verificável baseado em experimentações repetidas. Donde deriva a acentuação da ideia empirista (a ciência é uma boa descrição do Real) e a perversão fisicalista, extraordinariamente persistente.

Acontece porém que o próprio evoluir do Saber vem a pôr em causa esta representação da ciência — acabando-se por examinar mais de perto em

⁽²⁾ Na reflexão kantiana, «o conceito é a forma intelectual *a priori* do objecto enquanto puro concebível; ele é o objecto na sua possibilidade *a priori*. O entendimento constitui a forma de toda a experiência possível. Tal é a dedução transcendental da objectividade do conhecimento, a partir da função subjectiva do entendimento puro» (J. Combès: «L'Idée Critique chez Kant», Paris P. U. F.); ver igualmente, Kant: «Critique de la Raison Pure», trd. franc., Paris, P. U. F.).

⁽³⁾ Não nos referimos, aqui, evidentemente, ao Deus dos Protestantes, cuja colaboração com a esfera produtiva é manifesta.

que consiste afinal esta realidade que o conhecimento científico aborda. E descobre-se por fim que o Real de ciência não é o real exterior ao sujeito, mas um Real reconstruído pelo sujeito na sua própria actividade. Este Real reconstruído tem ainda, de resto, a particularidade de ser por vezes bem «irreal», pois as suas categorias distanciam-se de tal forma da pura realidade, que mais se parecem com seres meramente operativos, com complexas idealidades. Qual a relação então entre estas idealidades e as parcelas do real para as quais, não as descrevendo, parecem apontar?

Ressurgem assim as questões que tinham sido o ponto de partida: «o que é o conhecimento científico? Em que se distinguem as verdades ou os erros científicos das verdades ou do engano do senso comum? Etc.

Questões que parecem tanto mais legítimas — e permanentes — quanto, afinal, nem Deus, nem a utilidade e a aplicação, nem a lógica interna ou o acordo íntimo, parecem suficientes para garantir o Saber.

O que o garante então?

Ou, feitas as contas, será esta uma questão insensata, senão absurda?

De facto, porque nos preocupamos nós com a questão de saber o que é a Ciência, e o que não é? No fundo, a Ciência faz-se fazendo-se, independentemente das reflexões que sobre ela se teçam...

Ou acontecerá que, em parte pelo menos, o objectivo último e sempre ocultado que por vezes se vai perseguindo será o de separar o trigo do joio em matéria de conhecimento, para que cada um possa dizer a outros: «sigam-me, porque o meu Saber é Ciência!»»⁽⁴⁾

Se assim fosse, por uma perversão da própria actividade científica e por um efeito perverso das próprias sociedades, a Ciência teria ocupado o lugar de Deus, e os cientistas poderiam ser finalmente a reencarnação de novos Messias cujo Verbo traduziria enfim a Verdade...⁽⁵⁾

Processos que, a serem efectivos, parecem sugerir que os debates sobre o par conhecimento científico/conhecimento não científico (e sobretudo sobre o par Ciência/Ideologia) estão eles próprios mergulhados na prática, na praxis social — e que, por detrás de tais discussões está muitas vezes a tentativa de qualificar certas acções e desqualificar outras, qualificar certas

⁽⁴⁾ Dir-se-á: ninguém coloca tais questões. Pois não, na medida em que a reflexão se exerce sobre Saberes científicos constituídos. Mas já o mesmo não se pode dizer, pelo menos tão afirmativamente, em relação à reflexão epistemológica sobre Saberes em vias de constituição, como é o caso, por exemplo, das chamadas ciências sociais e humanas. Aqui, a aspiração do epistemólogo parece por vezes ser a de se transformar em legislador do exercício do conhecimento. Por outro lado, há ainda a ter em conta que os discursos sábios são apropriados pelos agentes sociais reais e se disseminam assim no tecido social. A esta apropriação e disseminação não são com certeza indiferentes os próprios discursos — o que funda uma das dimensões essenciais das análises do Saber; a dimensão social e institucional.

⁽⁵⁾ Representação que não é nova. Os finais do século XVIII produziram esta noção admirável que é a do Médico-Legislator: se as leis são para o bem dos homens, e se o Médico, é, de todos aquele que melhor os conhece, é legítimo que seja ele a ocupar os sagrados lugares da actividade legislativa. Representação que se pode encontrar também na ideia tecnocrática, e que se prolonga, como é sabido, nas especulações de ficção científica (do político-sage ao sábio-político).

maneiras de pensar e desqualificar outras — e não só um objecto neutro em si que seria o simples Saber.

Acrescente-se, para terminar, que não implicam estas últimas observações uma desvalorização das reflexões sobre a Ciência — antes as valorizam, na medida em que procuram enriquecê-las chamando a atenção para uma dimensão frequentemente esquecida, quando não activamente ocultada: a dimensão social/institucional de todo o Saber, que a actividade puramente especulativa sempre procurou escotomizar.

COMPLETE

A SUA

COLECÇÃO

DE

ANÁLISE PSICOLÓGICA

VOLUME I:	N.º 1	(Esgotado)
	N.º 2	(100\$00)
	N.º 3	(Esgotado)
	N.º 4	(120\$00)

VOLUME II:	N.º 4	(120\$00)
	N.º 1	(120\$00)
	N.º 2	(120\$00)
	N.º 3	(120\$00)

Os números 1 e 3 (Vol. 1) podem ser fotocopiados ao preço de **150\$00** (N.º 1)
e **300\$00** (N.º 3)

Faça o seu pedido, enviando cheque ou vale de correio em nome de:

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA

Av. Marquês de Tomar, 33, 4.º Esq. — 1000 Lisboa